

JOÃO NINGUÉM: UMA REPRESENTAÇÃO DOS ESQUECIDOS

Ruteh Ribeiro Oliveira de Lima*

João é um homem com seus 45 anos e é morador de rua. Entretanto, ele nem sempre foi morador de rua. Tinha uma família, uma mulher, filhos, uma boa casa e um bom emprego. Era o que a sociedade chamaria de “bom homem”.

Mas isso agora não importa, ficou no passado. Hoje, a sociedade chama João de vagabundo, imprestável e o tratam feito cachorro. Aquele “bom homem” não existe mais, morreu.

Morreu quando João perdeu o emprego, quando abraçou o álcool como um amigo, quando sua família o abandonou, quando fez das ruas sua morada. No dia em que foi expulso de casa, os vizinhos correram para ver. Todos bradavam suas teorias e hipóteses, mas ninguém se importou com João, com sua esposa ou com seus filhos.

João foi expulso de casa com seus trinta e poucos anos. Seus pais, irmãos e outros familiares moravam em outro estado; os amigos o abandonaram desde que tinha começado com o vício no álcool. Não tinha para onde ir, como viver. A rua o acolheu e agora essa era sua vida.

Mas ele acreditava que isso passaria, seria temporário até se ajeitar. Conseguiria um emprego, alugaria uma casa no centro da cidade, poderia rever os filhos e sua vida voltaria a ser como antes. E assim passaram os dias, semanas, meses e depois anos. João ficou pelas ruas. Morava ali, se alimentava ali. [Sobre]Vivia ali.

A esposa de João arranhou um novo alguém para chamar de companheiro e que servisse de pai para seus filhos. Ela já tinha superado o ocorrido e estava novamente feliz. E já pensava em ter outro filho.

Os vizinhos, raras vezes, ainda lembram do João. Se perguntam se ele ainda está vivo, onde foi parar. Até hoje não sabem o que aconteceu, porém ainda acreditam em suas teorias sobre traição e abuso de drogas. Julgavam a mulher do João, mas ninguém sabia que, por muito tempo, ela chorou por ele. E os filhos, bem, choram de saudades até hoje.

* Graduanda do sexto semestre de Direito pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).
Endereço eletrônico: ruteh-ribeiro@hotmail.com.

Justificativa: A presente obra surgiu a partir da observação de como esses sujeitos são negligenciados pelo Estado e pelo Direito, ao passo em que são ignorados pela sociedade. Não bastasse a situação em que vivem, ainda são vítimas de diversas formas de violência, alguns casos chegando a morte. Assim, o texto nasceu em um momento onde percebi que os moradores de rua, ainda que detentores de direitos e membros da nossa comunidade, não têm suas garantias devidamente asseguradas. Por isso, o texto tem a intenção de chamar a atenção para essas pessoas, como vivem e a possibilidade de nossa ordem jurídica enxergá-los e fazer cumprir o Direito.

Muitas vezes o João pensou em voltar para casa, pedir ajuda, mas ele já não lembrava o caminho. Tinha esquecido dos rostos dos filhos e apagou da memória o nome de solteira da esposa. Já não se lembrava da vida que tinha antes. Durante todos esses anos andou tanto, por tantas ruas, que já se achava perdido, não sabia onde estava. A cada dia dormia em um novo lugar, buscando abrigo e fugindo dos perigos que as ruas guardam à noite.

Quando criança, João tinha muitos sonhos. Queria ser médico, ajudar as pessoas, viajar pelo mundo. Tentou diversas vezes cursar medicina, mas sempre falhava. Se casou aos 21 anos. Teve dois filhos, um menino e uma menina. Precisou trabalhar para sustentar a família. Foram morar em um bairro periférico, mas viviam bem. O trabalho dele permitia cuidar de sua esposa e dos dois filhos. Era um bom homem, respeitável e admirado por muitos.

Tudo isso ficou para trás. Agora todos chamam João de louco, vagabundo, um bêbado. Sem emprego, sem família e vivendo na rua, o que ele seria afinal? Não podemos culpar o João. Ele procurou emprego, tentou encontrar uma casa, mas não conseguiu nada. Precisava de dinheiro para pagar o aluguel e precisava ter um endereço e documentos para um trabalho. Toda experiência e saberes que tinha eram inválidos. Ninguém confiava em um sem-teto.

O João era um homem inteligente, tinha muita qualificação. Era bom de cálculo e sabia escrever muito bem. Se destacava nas aulas de Química e sempre tinha as melhores notas em História. Era um funcionário exemplar na empresa em que trabalhava antes de ser demitido... A situação econômica não estava favorável, o patrão tinha que demitir alguém. Entre o sobrinho do sócio e um simples funcionário, o João não tinha como continuar lá.

Às vezes antes de dormir, encarando a lua e o céu estrelado, ele puxava do fundo da memória tudo o que lhe ocorreu desde o dia em que sua mulher o expulsou de casa. João lembrava-se de tudo, cada momento. Até porque, como uma pessoa pode se esquecer de tantas humilhações, tantas noites dormindo próximo a ratos e até mesmo os dias em que sentiu sua barriga mais funda que um poço. Essas coisas nunca são esquecidas. Bem, pelo menos o João não esqueceu. Ele sabe o que são esses momentos, sabe o que é viver dessa maneira.

Ele também se lembrava das vezes em que uma simples gripe parecia uma mal-dita tuberculose. Os suores frios, a cabeça latejando, o corpo quente, o mundo girando em volta, a tosse seca e o nariz congestionado. Muitas vezes mal conseguia respirar. Numa dessas vezes em que esteve doente, foi a um hospital. Não foi muito bem atendido. E por um momento ele pensou se o certo era ter ido a um hospital ou a uma clínica veterinária. E ele pensou que o certo era tratarem-no como gente, pois era isso o que ele era.

E de todas as outras vezes em que ele ficou doente, preferiu ficar na rua mesmo. Afinal, do que adiantaria ir para um local onde seria tratado feito bicho? Isso já acontecia na rua, não precisava mais disso. Já bastavam os cuspes, os palavrões, as pedras e os tapas que ele tomava por aí.

E apesar de ser chamado de vagabundo, João trabalhava. Não em uma empresa, fábrica ou qualquer coisa do tipo. Trabalhava na rua, onde era sua casa. Trabalhava em várias áreas, assim por dizer. O João sempre foi o tipo de pessoa que se vira, seja pelo o que for. Não eram trabalhos formais nem respeitados, nem valorizados, mas eram os que permitiam-no passar a noite com alguma coisa no estômago.

Ele trabalhava com o que aparecia. Limpava carros, ajudava a carregar e descarregar caminhões, guardavas vagas. Ganhava o suficiente para não passar fome. Mas nem sempre foi assim.

Às vezes sua mente é invadida pelas lembranças de um tempo ruim. Um tempo em que ele já teve que brigar com um gato por um pedaço de frango. Ele lembra com perfeição esse dia: era um domingo à tarde e já tinha mais de 24 horas desde a última vez que tinha comido alguma coisa. Então foi aí que viu um gato passando em sua frente com uma enorme coxa de frango na boca. Talvez alguém se compadeceu pelo pobre gato morador de rua e deu-lhe aquela grande coxa de frango. Assim pensou João. E, sem hesitar, agarrou o gato pelo rabo e roubou-lhe a coxa que carregava entre os dentes. Naquele momento ele descobriu que nunca comeu uma coxa de frango tão gostosa como aquela. Mas me pergunto se o que estava gostosa era a coxa ou a sensação que sentia no estômago.

Ele se lembrava de todos esses momentos com um gosto amargo na boca e uma dor no coração. Foram, e ainda são, tempos difíceis. Mas para uma pessoa que nunca viveu isso, nunca se compadeceu por alguém em semelhante situação, fica impossível imaginar tal sofrimento.

A única coisa que conforta João, apesar dos pesares, é saber que sua família está bem. Seus filhos, sua esposa, sua mãe, seu pai, seus irmãos, estão todos bem. Porém, João se pergunta se eles ainda pensam nele. Será?

De vez em quando ele se pega lembrando da família. Da convivência ruim com o irmão mais velho, do seu pai que era um grosso, da sua irmã mais nova que estava grávida, de um tio que estava preso e de sua mãe... Ele a amava e ela também o amava. Era uma família difícil, complicada e até incoerente. Mas família é família, não é mesmo?

Lembranças o João tem demais – é a única coisa que ele possui, afinal.

Agora, sentado embaixo de uma passarela, ele observa os carros em movimento, as pessoas com seus passos largos, as crianças com seus brinquedos, os casais com seus sorrisos bobos e os velhinhos em bancos observando o tempo. E por um instante, naquele rosto cansado e sujo, formou-se um sorriso, um sorriso amarelo. E seu corpo maltrapilho tremeu com aquilo. Era felicidade ou ele estava ficando louco? Nem ele sabe. Apenas sorriu e depois deixou as lágrimas lavarem seu rosto imundo.

Passaram-se uns dias, mais algumas semanas e, quando o João percebeu, já era Natal. Ele sempre gostou dessa época. Era um tempo bom, quando todas as pessoas se amavam e ele sentia uma paz interna e um pouco feliz.

Era também um bom tempo nas ruas. Todos pareciam melhores e mais bondosos no Natal. Sempre tinha aquelas pessoas que distribuía sopa com pão e ele sabia que não teria fome. Ao menos teria a possibilidade de começar um novo ano com algo quente no estômago. Para ele isso era uma maravilha!

Essa era uma noite fria, de congelar a alma. O João batia o queixo, frenético. Tremia o corpo e tentava aquecer as mãos. Ele até tinha um cobertor, mas nesse dia mais cedo alguém jogou água nele e seria uma estupidez se enrolar com aquilo encharcado.

Enquanto ele olhava a cidade, as luzes e as pessoas, sentiu algo escorrer por seu rosto. O que era aquilo? Era algo nojento, pegajoso.

E enquanto limpava o rosto, ouviu gritos, risadas e palavrões. Três jovens tinham cuspidado na cara de João. Sem perguntar por nada, apenas chegaram e, vendo ali um morador de rua infeliz que estragava a imagem da cidade, cuspiram em sua cara. Acharam que isso era o certo a se fazer. Mas ninguém perguntou ao João o que ele achava disso. Mas não era necessário, não é mesmo? Afinal, quem é o João? Nada além de um morador de rua, um mendigo maltrapilho, um vagabundo bêbado.

E naquela noite ele não aguentou aquilo e se irritou. Levantou bradando e pediu por paz e respeito. E o que os jovens fizeram? Riram do João.

Riram com escárnio e graça. Cuspiram no seu prato, rasgaram o papelão que cobria o corpo dele e lhe chutaram, socaram, empurraram. O João sempre apanhou na rua, mas naquela noite foi diferente.

Bateram muito no João. Primeiro espancaram-no até sangrar, depois o fizeram chorar como criança. Puxaram seu cabelo, queimaram seus dedos e, por fim, o João parou de respirar. Parou de ver, de sentir, de lembrar. Mas quem iria se importar com a morte de um morador de rua? Ninguém. É melhor encher os jornais com famosos e crianças bonitinhas, do que com uma história infeliz como essa. Talvez ganhe apenas um espaço 4x5 em um jornalzinho qualquer. Até porque o João era um qualquer também, não é mesmo? E, além disso, não foi o primeiro, apenas mais um selvagem na cidade. Sua morte não interessa.

E os três jovens? Os três jovens, bem, foram para casa terminar seu dia de Natal. Foram ceiar com suas famílias e trocar presentes. Não é esse o significado do Natal? Deve ser.

No outro dia, quando já era tarde, alguém encontrou o corpo do João. Frio, só e sujo. Chamaram a polícia e levaram-no para a autópsia – só porque era necessário.

Ele, o João, estava quebrado, com manchas de sangue, sem dente, com o rosto inchado e marcas roxas. Foi assim que o encontraram e assim estava escrito no documento de sua morte. Foi enterrado como indigente, sem nenhuma identificação ou com a família. Por falar nisso, a família não sabia de sua morte, ninguém fez questão de procurar algum parente. João foi enterrado sem pêsames e sem choros, sem um nome ou alguma coisa. Viveu, morreu e foi enterrado como ninguém.